



As Águas do Rio Paraíba do Sul Voam? Poéticas Visuais e Experimentação Artística Junto à Pesca Artesanal

Lilian Sagio Cezar¹, *conceitualização*;

Elisabeth Soares da Rocha², *Investigação*; Giovane do Nascimento³, *Investigação*

¹ PPGPS/ UENF, PPGCL/ UENF; 28013-602, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil. E-mail: lsagio@uenf.br; uesi@uenf.br
<https://orcid.org/0000-0001-8737-9946>

² Pós-Doc do PPGCL/UENF, CEP: 28030-035, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil; E-mail: bethrocha12@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0002-0289-8275>

³ Diretor de Cultura –UENF; PPGCL/UENF, 28013-602, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil. E-mail: giovane@uenf.br

Resumo

Como tornar tangível e socialmente visível a importância das populações tradicionais que são as guardiãs de delicados ambientes dos quais depende a qualidade de vida no planeta? Como mobilizar tanto os povos e populações tradicionais quanto as pessoas que nada sabem delas para a defesa desses territórios e do bem viver comum? Essas são questões que vem aproximando a arte, a antropologia e a filosofia. Tendo como ponto de partida os 7 anos de pesquisas antropológicas e diálogos com pescadoras/es artesanais junto ao Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte co-elaboramos um ensaio fotográfico, a construção de vídeos experimentais e participação no laboratório nômade Open(Co)Lab que resultou na exposição PORO. Esta comunicação descreve e analisa estas experiências artísticas e experimentais desenvolvidas em Gargaú, comunidade tradicional da pesca artesanal localizada nas proximidades da foz do rio Paraíba do Sul, no município de São Francisco de Itabapoana, RJ, em suas múltiplas camadas de construção e diálogo. Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo PEA Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA.

Palavras-Chave: Arte, Antropologia, Filosofia, População Tradicional, Conflitos Ambientais

Agradecimentos à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), pelo fomento financeiro na modalidade de bolsa Pós-Doutoral Jovem Pesquisador à Elisabeth Soares da Rocha para atuar em projetos de natureza cultural em Edital da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, ProPPG.

¿Vuelan las Aguas del Río Paraíba do Sul? Poética Visual y Experimentación Artística Junto a la Pesca Artesanal

Resumen

¿Cómo hacer tangible y socialmente visible la importancia de las poblaciones tradicionales que son los guardianes de ambientes delicados de los cuales depende la calidad de vida en el planeta? ¿Cómo movilizar tanto a los pueblos y poblaciones tradicionales como a las personas que no saben nada de ellos para la defensa de estos territorios y del bien vivir común? Estas son cuestiones que viene acercando el arte, la antropología y la filosofía. Teniendo como punto de partida los 7 años de investigaciones antropológicas y diálogos con pescadoras/es artesanales junto al Proyecto de Educación Ambiental (PEA) Pescarte co-elaboramos un ensayo fotográfico, la construcción de vídeos experimentales

y participación en el laboratorio nômade Open(Co)Laboratorio que resultó en la exposición PORO. Esta comunicación describe y analiza estas experiencias artísticas y experimentales desarrolladas en Gargaú, comunidad tradicional de pesca artesanal ubicada cerca de la desembocadura del río Paraíba do Sul, en el municipio de São Francisco de Itabapoana, RJ, en sus múltiples capas de construcción y diálogo. Este artículo es el resultado de una investigación financiada por el PEA Pescarte que es una medida de mitigación requerida por la Licencia Ambiental Federal, conducida por el IBAMA.

Palabras Clave: Arte, Antropología, Filosofía, Población Tradicional, Conflictos Ambientales.

Do the Waters of the Paraíba do Sul River Fly? Visual Poetics and Artistic Experimentation with Artisanal Fishing

Abstract

How can the importance of traditional populations—guardians of fragile environments upon which the quality of life on the planet depends—be made tangible and socially visible? How can both traditional peoples and communities, as well as those who know nothing about them, be mobilised to defend these territories and the common good of well-being? These are questions that have brought art, anthropology, and philosophy into closer dialogue.

Drawing on seven years of anthropological research and dialogue with artisanal fishers through the Environmental Education Project (PEA) Pescarte, we co-developed a photographic essay, the production of experimental videos, and participation in the nomadic laboratory Open(Co)Laboratory, which culminated in the exhibition PORO. This paper describes and analyses these artistic and experimental experiences developed in Gargaú, a traditional artisanal fishing community located near the mouth of the Paraíba do Sul River, in the municipality of São Francisco de Itabapoana, Rio de Janeiro, examining their multiple layers of construction and dialogue. This article is the result of research funded by the PEA Pescarte, a mitigation measure required by the Federal Environmental License and overseen by IBAMA.

Keywords

Art; Anthropology; Philosophy; Traditional Populations; Environmental Conflicts

1. INTRODUÇÃO

A política nacional de desenvolvimento sustentável e a definição de tradicionalidade, consiste no arcabouço legal, que estabelece uma definição clara para as populações foco desta pesquisa, conferindo legitimidade e reconhecimento aos seus direitos territoriais e culturais, por meio do Decreto nº 6.040, de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, definindo os elementos centrais que sustentam a sua relevância socioambiental.

No Art. 3º do Decreto nº 6.040/2007, a compreensão de Povos e Comunidades Tradicionais é definida como grupos que se distinguem culturalmente e se autorreconhecem como tal. Cujas bases de sua identidade residem em formas próprias de organização social e na relação intrínseca que mantêm com o meio. Tais grupos ocupam e manejam territórios e recursos naturais como condição fundamental para sua reprodução em esferas cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Essa reprodução depende da utilização de conhecimentos, inovações e práticas que são gerados e transmitidos pela tradição (Decreto nº 6.040/2007, art. 3º, Inciso I).

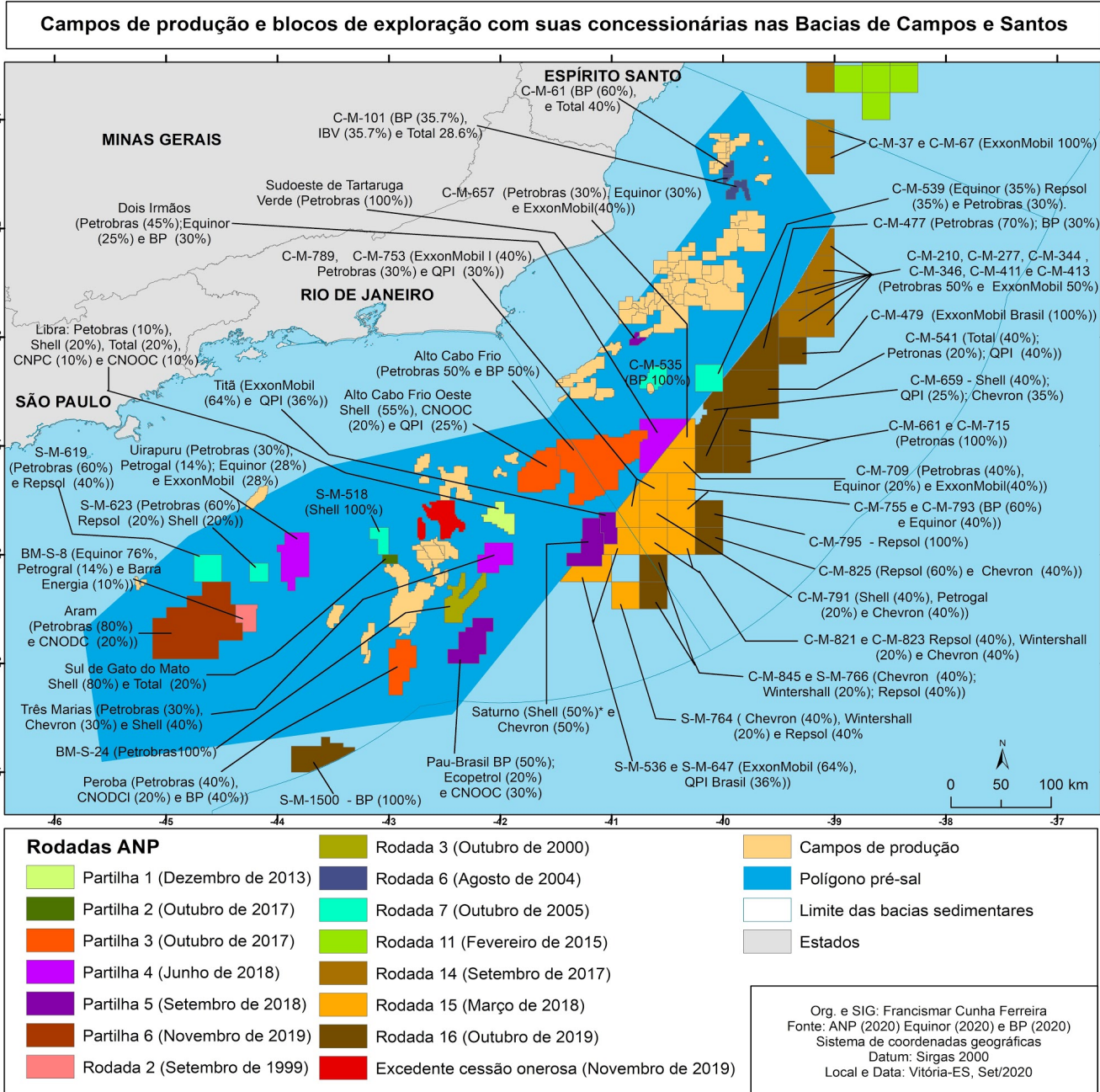


Figura 1: “Campos de Produção e Blocos de Exploração com suas Concessionárias nas Bacias de Campos e Santos” - Indústria do Petróleo e Gás - Conflitos Socioambientais. Fonte: Blog do Roberto Moraes.

Em seu inciso II, o mesmo artigo define o conceito de Territórios Tradicionais como espaços indispensáveis à sustentação cultural, social e econômica dessas comunidades, enfatizando que a utilização desses espaços pode ocorrer tanto de forma permanente quanto temporária, abrangendo toda a área necessária para a manutenção do seu modo de vida. O texto ainda ressalta que essa defini-

ção deve observar os direitos constitucionais específicos garantidos aos povos indígenas (art. 231 da Constituição Federal) e aos quilombolas (art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias).

O documento fundamenta, dessa forma, toda a política de Desenvolvimento Sustentável (Decreto nº 6.040/2007,

art. 3º, inciso III), que é entendido como o manejo equilibrado dos recursos naturais, cujo propósito é a melhoria da qualidade de vida da geração presente, com a premissa ética de que as mesmas possibilidades de acesso e usufruto sejam asseguradas às gerações futuras.

Desde a década de 1980 a região dos Lagos e o Norte Fluminense sofrem os impactos diretos e indiretos da instalação das indústrias de exploração de petróleo e gás na Bacia de Campos. A partir de 2001 o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) passa a exigir como condicionante de licenciamento ambiental a execução de projetos de mitigação e educação ambiental por parte das empresas de petróleo e gás. Esses projetos têm como público prioritário as diferentes populações, povos e grupos impactados.

Em 2015 a Petrobras passa a executar o Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, elaborado por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), garantidores do lastro

científico articulado ao compromisso social, sob coordenação do Prof. Geraldo Márcio Timóteo. Esse projeto tem como público prioritário os pescadores e pescadoras artesanais e seus familiares dos municípios litorâneos da Região dos Lagos e Norte Fluminense. Por meio da Educação Ambiental Crítica são oferecidas oficinas, visitas técnicas, reuniões, assembléias que visam o estímulo e indução à organização comunitária dessa população tradicional a partir da proposição e co-criação de projetos de trabalho e renda baseados nos princípios do cooperativismo e da Economia Solidária. Desde seu início o projeto conduz linhas de pesquisa responsáveis pela construção do Censo da Pesca Artesanal PEA Pescarte que está em sua segunda edição.

Em 2017 passamos a compor a equipe de pesquisa do projeto dando especial atenção às especificidades culturais das comunidades tradicionais da pesca artesanal frente aos impactos ambientais vivenciados em seus territórios. Assim atuamos a partir de duas Linhas de pesquisa respectivamente:

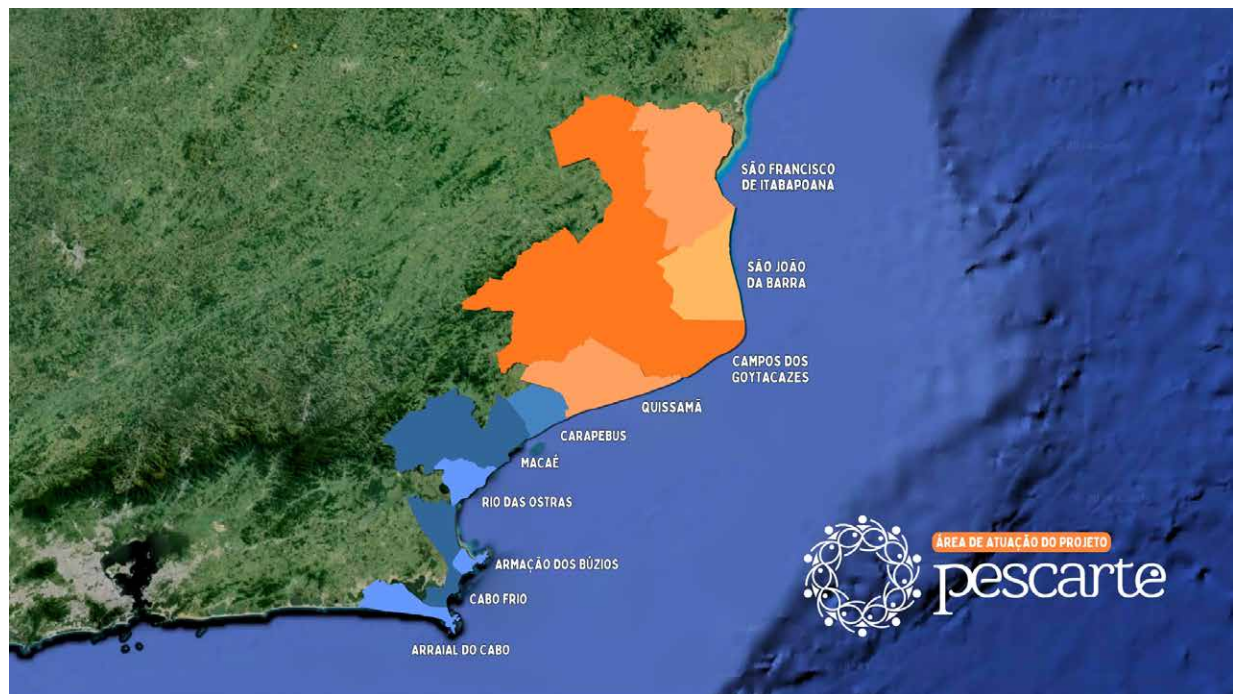


Figura 2: Área de abrangência do PEA - Pescarte. Fonte: <https://pescarte.org.br/sedes>

Linhas 1- “Antropologia Visual aplicada à investigação de memórias, identidades e fazeres artesanais entre Comunidades Pesqueiras interlocutoras do Projeto Ambiental PESCARTE” coordenada por Lilian Sagio Cezar que tem como objetivo investigar questões referentes às identidades e expressões culturais das comunidades tradicionais de pesca artesanal. O foco de discussão são as expressões do patrimônio imaterial, produzidas a partir do ponto de vista de seus mestres(as), mediadores culturais e realizadores, a fim de que esses se reconheçam e compreendam suas especificidades e possíveis articulações culturais, estéticas, políticas e econômicas. A pesquisa se articula ao PEA Pescarte, elegendo a Antropologia Visual como campo teórico-metodológico capaz de contribuir com o levantamento de dados científicos qualitativos que se somam aos achados estatísticos que demonstram a existência de um grande acervo cultural a ser identificado, registrado e necessitado de políticas públicas que permitam sua continuidade, sendo os dados dos censos um descritor dos achados pretendidos nesta pesquisa qualitativa;

Linha 2 - “Saberes e fazeres tradicionais das comunidades pesqueiras litorâneas da Região dos Lagos a partir do Projeto PESCARTE”, coordenada por Giovane do Nascimento, que realiza um inventário participativo das produções ligadas à cultura pesqueira. Em consonância ao tópico do diagnóstico participativo, identificar e caracterizar potencialidades socioambientais, a pesquisa parte do princípio de que é a partir da valorização dos sujeitos como produtores de culturas, de valores materiais e imateriais que podemos pensar temas como respeito, autonomia, criação e autocriação. O reconhecimento dos sujeitos como agentes formadores implica no reconhecimento do patrimônio cultural e de suas tradições, dessa forma, a linha de pesquisa auxilia na identificação e caracterizar os sujeitos prioritários da ação educativa e concentra-se nos saberes da gastronomia.

Assim, este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo PEA Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo

IBAMA. Desde 2017 essas duas linhas de pesquisas vêm produzindo a partir de metodologias científicas qualitativas, participativas e não-extrativistas, um levantamento das expressões culturais e modos de vida de pescadores e pescadoras artesanais nos municípios atendidos pelo PEA Pescarte, suas formas endógenas de construção de identidades, solidariedade e resistência (CEZAR; THEIS, 2020).

Essas pesquisas realizadas também a partir da produção audiovisual de vídeos e fotografias nos levaram a propor a realização de oficinas de fotografias e vídeos para pescadores e pescadoras e seus familiares buscando promover o diálogo imagético conscientizador sobre a necessidade de promoção da justiça ambiental e socioespacial a partir do reconhecimento, valorização e empoderamento comunitário desses sujeitos historicamente subalternizados na dinâmica hegemônica do capital.

Tendo como referencial a experiência de comunicação intercultural do “Projeto Vídeo nas Aldeias”¹, o propósito da produção audiovisual transcende a mera instrução e ilustração, pois seu objetivo é democratizar o acesso à criação e ao manejo de linguagens visuais, em particular o audiovisual. A meta é impulsionar dinâmicas de formação que possibilitem a apropriação e a reinterpretção de suas próprias imagens conforme seus propósitos sociopolíticos e culturais, que ao longo das interações estruturadas em torno da elaboração, análise e disseminação de fotografias e vídeos, materializam-se numa revisão dialética da autoimagem que os próprios grupos constroem de si. O uso do vídeo como meio de comunicação intercultural possibilita uma ressignificação da dimensão espaço-temporal onde cada grupo se inscreve e se relaciona.

A circulação de registros audiovisuais entre as diversas comunidades tradicionais da pesca artesanal fomenta a comparação de estratégias de convivência e interação com os segmentos mais amplos da sociedade envolvente, gerando instantes de reflexão crítica, a partir da iniciativa de produção de imagens e realização de mostras

1 - Para maiores informações ver <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>

ou encontros para exibição dos materiais comunitários, como forma de introduzir novos repertórios de ação. Tais repertórios são cruciais para populações tradicionais cuja transmissão de conhecimento se baseia preferencialmente na oralidade e performances corporais pautadas na memória coletiva. Assim, saberes, práticas, vivências, valores e processos identitários são re-criados e transmitidos às futuras gerações. As representações visuais ganham um sentido renovado ao serem disponibilizadas às comunidades, estimulando os indivíduos a almejam-se como protagonistas ativos.

Desse modo o PEA Pescarte vem promovendo a educação política em favor da organização comunitária, no intuito de promover um olhar engajado de análise crítica da realidade por parte dos pescadores e pescadoras nos municípios alcançados. Isso inclui questionar tanto os obstáculos impostos pela marginalização tecnológica quanto as oportunidades trazidas por esses mesmos recursos para a sustentabilidade intrínseca dos empreendimentos solidários em fase de gestão.

Tal iniciativa se deu como um ato de valorização do saber-fazer popular e de reconhecimento das identidades de pescadores e pescadoras artesanais no enfrentamento à espoliação industrial que impõem zonas de restrição de pesca em decorrência da implantação de oleodutos e gasodutos, do tráfico de embarcações para estruturas portuárias, das pesquisas sísmicas para detecção de possíveis novos poços de petróleo etc.. O crescimento desse complexo industrial na região impacta e pressiona toda a infraestrutura urbana desses municípios e, apesar dos aportes de Royalties e Participações Especiais, os serviços de saneamento básico, tratamento de esgoto, coleta e destinação apropriada de lixo segue sendo deficitária gerando um passivo ambiental que afeta diretamente as águas continentais e regiões de planícies e baixadas alagadiças das quais os pescadores e pescadoras também se valem para seu sustento.

Nesse contexto, a importância do processo de Educação Ambiental Crítica de pescadores, pescadoras e seus familiares, voltada para a organização comunitária e enfrentamento dos impactos deletérios causados pelas indústrias

de exploração de hidrocarbonetos, cuja operação intensifica a precarização de seus específicos modos de vida, se torna evidente.

2. Aportes Teóricos- Metodológicos: Da Visualidade ao Enfrentamento à Mídia Hegemônica

Metodologicamente foram concebidas diferentes oficinas de fotografia e vídeo, orientadas por uma série de exercícios práticos destinados à operacionalização da produção de imagens mediante o manejo de tecnologias de comunicação acessíveis.

Inicialmente deu-se a realização de um Círculo de Cultura sob o tema: “Onde se situam os pescadores e pescadoras artesanais no oceano das representações midiáticas?” Aproveitando os debates e as elocuições informais que emergiram durante as atividades, cujo foco foi pautado na desconstrução das mensagens veiculadas sobre a pesca artesanal nos veículos de comunicação de massa, questionando se as pescadoras e os pescadores artesanais se sentem contemplados pela informação que as grandes corporações de mídia disponibilizam.

Buscou-se ainda investigar de que maneira estes mobilizam as redes de computadores para acessar dados cruciais inerentes à pesca artesanal, e quais são os domínios virtuais mais frequentemente consultados.

Esta atividade reflexiva e de debate sobre as Mídias e seus métodos de representação da pesca artesanal foi transversalizada em todas as subdivisões do curso. Tal imersão crítica configurou-se num auxiliar fundamental no processo educativo, visto que as imagens e as narrativas midiáticas inseridas no cotidiano dos indivíduos produziram a ressignificação da ordem social estabelecida. Esta conformação inicial da percepção, com vistas ao processo de crítica, contribuiu para a compreensão da realidade objetiva e, conseqüentemente, a construção de protagonismo político diante dessas estruturas simbólicas de poder.

2.1 A Ruptura do Habitus Visual e Retomada do Capital Simbólico pela Produção Imagética

A transposição da reflexão teórica para a prática concreta da produção de sentido mobilizou os dispositivos de captura de imagens disponíveis, como smartphones ou câmeras. A fase inicial do treinamento consistiu em agudizar as capacidades de percepção visual e auditiva sobre o entorno, procurando elementos significativos que pudessem ser metamorfoseados em fotografias.

Em 2024 a comunidade foi instigada a deliberar sobre o interesse na produção de fotos, tendo como motivação a construção coletiva e colaborativa de um livro comemorativo dos 10 anos do PEA Pescarte. Para tanto foram oficinas oficinas de fotografia que giraram sobre questões orientadoras tais como: As Artes de Pesca; Os Problemas,

Conflitos e Impactos Ambientais na pesca artesanal. Também foram tematizadas as seguintes questões: Como se daria o encadeamento da narrativa imagética? Qual seria o público desta comunicação?

Estas indagações serviram como estruturas heurísticas para a formulação das estratégias de concretização audiovisual. A reunião comunitária em torno da proposta de produção de um livro de fotografias comemorativo dos 10 anos do PEA Pescarte, além de possibilitar a construção afetiva e coletiva da própria trajetória do projeto, foi uma estratégia significativa para conceber alternativas viáveis e comunicar as demandas baseadas nas memórias, histórias locais e narrativas frequentemente silenciadas pelos meios convencionais de comunicação.



Fig. 3: O livro fotográfico “As Marés do Tempo”

Fonte: <https://online.fliphtml5.com/pescarte/ypqr/#p=1>

2.3 A Defesa do Direito e a Luta pelo Reconhecimento

Em seguida deu-se o trabalho de curadoria coletiva estabelecendo critérios claros de inclusão, cuja seleção buscou contemplar as esferas temáticas, que refletem os eixos de trabalho das oficinas: a) Identidade e Protagonismo, nas imagens que destacam a presença dos pescadores e pescadoras como indivíduos e como coletividade; b) o Cotidiano da Pesca, que registraram as diferentes etapas da atividade pesqueira (preparação, saída, pesca, retorno, reparo de redes e embarcações); c) A Relação com o Território, o mar, o rio, o mangue e as comunidades como parte integrante do universo da pesca artesanal, e, por fim, d) o Contraste e Enfrentamento aos Impactos Ambientais que, por sua composição, contrastam a realidade vivida com as representações midiáticas hegemônicas debatidas no Círculo de Cultura.

No momento seguinte, a Metodologia de Triagem e Seleção Colaborativa junto aos participantes das oficinas buscou selecionar, a partir dos milhares de registros fotográficos produzidos, uma triagem que ocorreu em etapas sequenciais, privilegiando a validação pela comunidade.

A comunidade atuou como curadora e revisora inicial, votando ou indicando quais fotografias melhor representavam sua identidade, seu trabalho e sua luta. Essa validação garantiu que as imagens escolhidas tivessem o enredo e o significado que o projeto se propôs a construir, fugindo de uma seleção meramente estética ou externa.

Em seguida procedeu-se a pré-seleção técnica realizada por pesquisadores e o Núcleo Criativo para suprimir imagens com erros técnicos, tais como, foco perdido ou subexposição excessiva, e/ou duplicadas, reduzindo o acervo inicial a um *corpus* viável. A seleção curatorial se deu após as imagens pré-selecionadas serem organizadas por eixos temáticos. Nesta fase, buscou-se garantir a diversidade e a abrangência da representação das atividades da pesca.

Essa metodologia de produção e seleção combinou a curadoria técnica-temática com a participação ativa e decisória dos sujeitos, fotógrafos e fotografados, assegurando que o Livro e a Mostra Fotográfica decorrente, lhes fossem um reflexo politicamente engajado da visualidade construída no projeto.



Figura 4: O Livro “As Marés do Tempo”, pp. 116, 117. Fonte: <https://online.fliphtml5.com/pescarte/ypqr/#p=116>

3. Do Pescarte ao ::PORO::

O projeto Pescarte forneceu o solo fértil, um acervo rico em narrativas, fotografias e vídeos que capturavam a complexidade da pesca artesanal – desde os riscos ambientais (contaminação, projetos predatórios) até a resiliência e o profundo vínculo cosmopolítico com o ambiente. Foi essa inquietação por visibilidades e mobilização que nos conduziu à participação no laboratório nômade Open(Co)Lab ([Open\(Co\)Lab - Laboratório Nômade](#)).

O laboratório nômade Open(Co) convidou artistas, coletivos, movimentos sociais, culturais, artísticos e acadêmicos para uma experiência de colaboração e co-criação de uma obra artística co-autoral, desenvolvida em rede, que agencia epistemologias e práticas diversas. Ao longo dos encontros quinzenais, em plataforma digital, coletivamente refletimos, investigamos e praticamos formas de experimentação artísticas em multilinguagens que confrontaram as lógicas e racionalidades etnocêntricas e extrativistas responsáveis pela destruição antrópica e colapso ambiental em curso. Assim os participantes buscaram investigar alternativas e possibilidades de uma coexistência multiespécie pautada no cuidado, no afeto, na potência dos diálogos e intercâmbios culturais e nas relações interétnicas e interterritoriais. Buscaram também potencializar experiências, práticas e conhecimentos de diferentes epistemologias para promover a construção dialógica de uma obra coletiva que inspire e retroalimente a construção de paradigmas tecnoecológicos enraizados em cosmopercepções pluriversais, a fim de promover engajamentos éticos entre humanos, tecnologias e entidades mais-que-humanas.

A urgência de compreender e atuar sobre as crises socioambientais contemporâneas foi a força motriz e inquietação inicial junto à rede artística colaborativa Open(Co)Lab. Num primeiro momento buscamos questionar como tornar o visível o invisível, abrindo possibilidade de compreensão e vivência de diferentes cosmopercepções, em diálogos e produções simétricas, com grupos e populações tradicionais, valorizando a importância vital de seus

conhecimentos específicos e modos de vida no enfrentamento ao Antropoceno ou Capitaloceno. E segundo, era a mobilização e a defesa, buscando formas de engajar tanto os próprios povos tradicionais quanto as comunidades urbanas, muitas vezes alheias a essa realidade, para a defesa urgente desses territórios e do bem viver comum.

Até então, no âmbito do Projeto PEA Pescarte, destacamos a consolidada parceria entre a antropóloga Lilian Sagio Cezar e o filósofo Giovane do Nascimento, cuja colaboração perpassa a trajetória de existência do projeto. Esse cenário interdisciplinar foi enriquecido com o ingresso da Profa. Elizabeth Soares da Rocha, na qualidade de pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PPGCL); que atua no campo da sonoridade, como musicista. Essa convergência singular entre Antropologia, Filosofia e Música, por meio da integração desses três campos do saber, fortaleceu a proposta do projeto, fomentando uma abordagem artística, criativa e colaborativa. O conhecimento produzido precisava de um veículo de intercâmbio que fosse tão potente e sensível quanto as histórias e imagens produzidas.

Assim, o Open(Co)Lab² se apresentou como o ambiente ideal para a experimentação metodológica, permitindo-nos transbordar os dados etnográficos e o acervo imagético em um formato acessível, interativo e performático. Essa dinâmica possibilitou uma articulação com a rede de docentes e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e do exterior, todos integrados ao Projeto Open(Co)Lab - Laboratório Nômade. O objetivo central desse projeto é a promoção da criação artística coletiva, sob a organização da Prof^a Lilian Amaral e Teófilo Augusto da Silva. O grupo realizou encontros semanais remotos utilizando a plataforma Google Meet. Nesse espaço de diálogo, a coordenadora do projeto propôs iniciarmos com a temática de observar os 'céus' como ponto de partida para as co-criações, cuja intenção era articular uma reflexão estética sobre a degradação planetária decorrente da ação antrópica, abordando questões críticas como o aquecimento global, o desmatamento, a contaminação de corpos

2 - Agradecemos especialmente o convite de participação que nos foi feito pelo prof. Teófilo Augusto Silva do MediaLab/ UNIFESS-PA.

hídricos e processos erosivos. Tais atividades e imagens suscitaram uma nova percepção.

Nessa conjuntura, a parceria do Prof. Giovani do Nascimento, foi significativamente fortalecida pela expertise, além de sua formação filosófica, o pesquisador contribuiu com sua vivência como instrumentista musical e com seu amplo levantamento de sonoridades advindas de expressões culturais das regiões Norte, Noroeste e dos Lagos Fluminense, que integram o Projeto PEA Pescarte.

O nome *Poro* evoca a ideia de permeabilidade, conexão e troca, simbolizando a membrana que conecta o que é interno (a luta e o conhecimento da comunidade) ao que é externo (a sociedade urbana e o debate público).

O ::PORO:: foi concebido como uma exposição-instalação que utiliza a força da imagem e da narrativa para deslocar a percepção, tirando as histórias dos relatórios e colocando-as em um espaço de experiência sensorial. Além disso, ao participar do Open(Co)Lab, aplicamos os princípios da Ciência Aberta à comunicação social, tornando a exposição um ato de co-autoria. A exposição *utilizou* imagens e vozes como agentes de transformação, buscando ampliar o papel de guardiões que eles exercem.

Nesse contexto de imersão sensível, a musicista Beth Rocha buscou um ambiente de isolamento acústico próximo à sua residência, onde a ausência de ruídos urbanos permitisse a predominância da paisagem sonora natural. Munida de dispositivos móveis de captura audiovisual, a pesquisadora iniciou um processo de observação dos céus. Inicialmente, a experiência foi marcada pela obstrução visual e pelo desgaste físico, uma vez que o firmamento se mantinha cerrado, sem oferecer imagens passíveis de registro. Contudo, em um instante de ruptura perceptiva – emergindo de um estado de latência e estranhamento –, a artista deparou-se com uma alteração na atmosfera. Nuvens brancas, em contraste com o fundo escuro do céu noturno, desenharam formas que, analogamente, reme-

tiam a uma face humana, destacando-se os contornos de um olho e uma boca. A partir dessa *pareidolia*³, a imaginação criadora da musicista transmutou a visualidade em sonoridade. Daquela ‘face’ celeste, a artista percebeu a emanção de gemidos, que se iniciavam com uma cadência suave e dolorosa, evoluindo progressivamente para um clímax de angústia. Essa percepção foi materializada performativamente, por meio da captura tecnológica que registrou não apenas a expressão vocal da artista – em uma linguagem fonética ininteligível, posteriormente, foi realizada a inserção de um instrumento musical artesanal, cuja sonoridade evocava o trovão, intensificando a carga dramática da composição. Dessas múltiplas vivências produzimos um vídeo experimental que denominamos “GeRmidos”⁴.

Havia, por parte da musicista, uma expressiva expectativa em submeter os resultados dessa primeira experimentação estética à análise crítica dos companheiros de cocriação, o filósofo e a antropóloga. O encontro revelou-se decisivo, provocando uma potência dramática da composição – na qual as sonoridades dialogavam visceralmente com a imagética celeste desconstruindo, porém, a costumeira ligação da sonoridade a musicalidade e melodia rompendo com assim com padrões dominantes de produção audiovisual.

Em suma, a participação na pesquisa co-elaborativa proposta pelo Projeto Open(Co)Lab 2025, a partir de nossas experiências artísticas e experimentais, iniciada com foco na observação do céu noturno e diurno, proporcionou uma espécie de portal de acesso ao imaginário e à ciência. O ato de contemplar o céu evocou o espaço do sonhar – a dimensão poética e subjetiva da relação humana com o cosmos – ao mesmo tempo em que conecta o participante com a urgência do debate sobre mudanças climáticas, o efeito estufa e a importância dos rios voadores. Esta prática estabeleceu uma ponte direta entre a experiência individual e os fenômenos atmosféricos globais que impactam diretamente a vida no planeta.

3 - Pareidolia é um fenômeno psicológico comum onde o cérebro humano percebe um padrão familiar e significativo (geralmente um rosto ou uma forma humana) em estímulos vagos ou aleatórios.

4 - Na pasta, denominado de Vídeo co-Lab_GeRmidos.mp4. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1xpC99nExn-MyX19gdjAP6nR36IEcuE7DZ?usp=sharing>

Após a apreciação da obra apresentada, a antropóloga propôs o desdobramento da investigação para o campo empírico. O convite para uma visita técnica visava inserir a musicista na realidade já mapeada pela trajetória etnográfica construída junto às comunidades atendidas pelo Projeto Pescarte. Dessa forma, a equipe dirigiu-se ao município de São João da Barra, vizinho a Campos dos Goytacazes, tendo como lócus de observação às margens do rio Paraíba do Sul.

O percurso terrestre entre Campos dos Goytacazes e o município de São João da Barra compreende um trajeto de aproximadamente quarenta minutos, margeando o curso final do Rio Paraíba do Sul em direção à sua foz. Chegando à região estuarina, especificamente nas proximidades da praia de Atafona, a equipe integrou-se à dinâmica fluvial local, caracterizada pela atividade dos barqueiros que realizam o transporte cotidiano da comunidade pesqueira e a travessia para o município vizinho de São Francisco de Itabapoana, no distrito de Gargaú.

A antropóloga e a musicista embarcaram em um pequeno bote motorizado, conduzido por um pescador local, dando início a uma navegação que transcendeu o mero des-

locamento geográfico de São João da Barra, atravessando o Rio Paraíba do Sul até o Distrito de Gargaú, localizado no município vizinho de São Francisco de Itabapoana, RJ. Contendo múltiplas camadas de construção e diálogo, essa experiência nos possibilitou tensionar a reflexão-ação sobre emergências climáticas, críticas anticoloniais, a dimensão transformadora da arte e do ambiente na intersecção entre ciência, tecnologia e ecologia.

A viagem pelo Rio Paraíba do Sul revelou-se um verdadeiro mergulho simbólico em 'águas profundas', onde a vastidão do horizonte sugeria o encontro do infinito — uma fusão visual metaforizada como um grande *beijo* entre o céu e o mar.

A experiência de campo foi marcada por uma percepção sensorial e estética. A paisagem sonora, dominada pelo ruído contínuo do motor, contrastava com a imensidão silenciosa das águas e a exuberância da flora ciliar. As margens, repletas de plantações e vegetação nativa, ofereciam uma magnitude visual que desafiava a capacidade de registro documental; a tentativa de capturar a totalidade daquela atmosfera por meio de filmagens e fotografias na própria grandiosidade inabarcável da natureza.

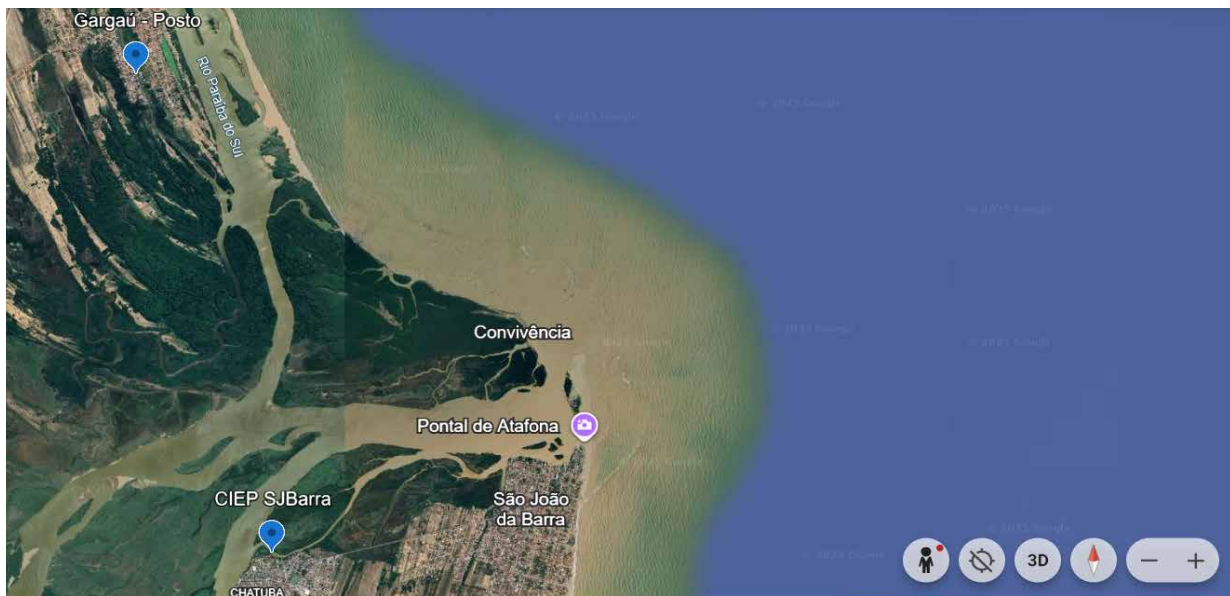


Figura 5: Trajeto percorrido no Rio Paraíba do Sul. Fonte: Google Earth.



Figura 6: Fotografia Ó “timoneiro”: __Guia o barco, pescador! Fonte: Acervo das autoras

O diálogo contínuo estabelecido durante a travessia culminou na atribuição de uma alcunha simbólica ao pescador: o 'Timoneiro'. Tal designação não foi fortuita, mas representou o reconhecimento de sua autoridade epistêmica no campo. As pesquisadoras adotaram uma postura de escuta e submissão à condução daquele que se revelou o verdadeiro detentor dos saberes sobre as águas, a ictiofauna, a flora e a cosmologia daquele universo fluvial.

A Fotografia intitulada "Ó Timoneiro": __ Guia o barco, pescador!, concentra a essência da metodologia de campo baseada no diálogo de saberes. A imagem captura o pescador artesanal não apenas como informante, mas como o agente central que detém o conhecimento prático (a práxis do rio) indispensável à navegação e à pesquisa, o qual pode ser exemplificado num momento de epifania que ocorreu quando o mestre, em silêncio, guiou a embarcação para verificar suas 'gaiolas' (armadilhas de pesca) em busca de lagostas e peixes.

Este acontecimento revelou uma notável 'percepção do invisível': em meio à vastidão hídrica, onde o olhar da antropóloga e da musicista encontrava apenas o movimento uniforme das águas, o pescador identificava coordenadas precisas e marcos factuais. Apenas ele detinha o mapa mental daquele território submerso. Essa competência de leitura da natureza — um saber vernacular já amplamente investigado por Lilian e Giovane no âmbito do Projeto Pescarte — foi apresentada à Elisabeth não apenas como técnica de sobrevivência, mas como uma possibilidade poética: a capacidade de acessar o invisível. Para a musicista, a precisão silenciosa do pescador ecoou como uma revelação sobre novas formas de ver e ouvir o mundo.

O ato de desligar o motor marcou uma ruptura na paisagem sonora, instaurando um silêncio onde a presença humana ruidosa se retraiu. O que preencheu esse vácuo foi a plenitude da biofonia e da geofonia: o canto e o pio da avifauna, o sopro do vento e o borbulhar das águas. Foi nesse interstício que o inaudível se transmutou em sonoridade plena.

Essa nova configuração acústica desencadeou um processo de organização perceptiva — um fenômeno de Gestalt,

em que os ruídos esparsos da natureza deixaram de ser elementos isolados e articularam-se como uma sinfonia orgânica, conduzindo ao êxtase estético da experiência. Nesse cenário, o 'Timoneiro' demonstrou sua maestria silenciosa. Mantendo a propulsão mecânica suspensa, passou a guiar a embarcação utilizando apenas o remo de madeira. O movimento rítmico da madeira contra a correnteza gerou uma nova camada sonora, interagindo harmonicamente com a composição sinfônica que emanava do ambiente. O borbulhar provocado somou-se à imensidão visual, revelando, em um ato de integração total, a pulsão vital que conectava as aves, a flora, o mar, os céus e a própria existência planetária.

Em um movimento dialético, a dimensão poética foi complementada pela imersão sensorial com tecnologias de geoprocessamento, possibilitando a compreensão tátil e visual de dados complexos. A produção de imagens georreferenciadas via satélite transforma dados abstratos em representações concretas e localizadas de seus territórios, permitindo que as comunidades visualizem e analisem as transformações e ameaças ambientais (erosão, desmatamento, avanço do mar) que afetam suas áreas de pesca. A chegada ao distrito de Gargaú, no município de São Francisco de Itabapoana, revelou um cenário de intensa vitalidade sociocultural. As pesquisadoras foram impactadas pela densidade de embarcações de variados portes que ancoravam a identidade daquela comunidade pesqueira. Observou-se a dinâmica do trabalho local: homens e mulheres organizavam e beneficiavam o pescado, fruto do labor daquele dia. A cena desenrolou-se sob a transição da luminosidade diurna para o crepúsculo. O esvanecer da luz solar cedeu lugar a uma complexa paleta cromática, onde o alaranjado do poente se fundia ao azul celeste, ao verde da vegetação ciliar e à coloração híbrida das águas no encontro do rio com o mar. A composição visual assemelhava-se a uma obra pictórica de elevado valor estético, uma 'pintura viva' que desafiava a capacidade de apreensão do olhar.

Essa visualidade era indissociável da paisagem sonora humana. Os ruídos e falas dos pescadores não denotavam apenas a rotina laboral, mas expressavam o júbilo pelo sustento garantido, encarado como uma dádiva da natu-

reza. Estabeleceu-se, ali, uma simbiose entre o ambiente natural e a comunidade.

O retorno ao ponto de origem da viagem não suscitou uma emoção trivial; tratou-se de um evento afetivo complexo. Ao se despedirem do ‘Timoneiro’, a antropóloga e a musicista registraram seu retorno solitário ao mar, emoldurado pelo contorno alaranjado dos céus crepusculares (conforme imagem abaixo).

A equipe partiu daquele cenário imersa em um silêncio contemplativo. Faltavam palavras capazes de descrever a ‘magia’ e a densidade fenomênica que invadiram a cosmo percepção dos corpos e das mentes ali presentes. A experiência havia transcendido a linguagem verbal.

A etapa subsequente consistiu no reencontro para a análise do material coletado. A apreciação das capturas — fotografias e vídeos que amalgam imagens e sons — configurou-se como um momento de profundo prazer estético e, simultaneamente, permitindo reviver cada matiz emocional daquela incursão. Iniciou-se, então, o processo de curadoria: definir quais registros integrariam a composição final. O objetivo era edificar uma obra colaborativa que representasse fidedignamente a ecologia profunda e a totalidade da vida que se manifestou naquele encontro. O processo de pós-produção iniciou-se com a transferência dos arquivos digitais para as estações de trabalho e sua ampliação em monitores de alta resolução. Essa etapa técnica, contudo, revelou-se um exercício de reativação afetiva: cada imagem projetada na tela devolvia, com vivacidade, as emoções experimentadas durante o percurso de campo, o que transpôs à curadoria do material um desafio complexo. A seleção mostrou-se árdua, uma vez que os registros pareciam possuir uma interconexão intrínseca, como se todas as imagens estivessem entrelaçadas em uma coreografia única — um bailado multissenso rial de formas, corpos e visualidades. Havia uma sensação de ‘presença cósmica’, onde a riqueza do planeta e a percepção corporal dos pesquisadores se fundiam indissociavelmente. Fragmentar esse todo para a edição parecia, inicialmente, romper com a fluidez da experiência vivida. Não obstante, a necessidade de síntese prevaleceu. A seleção final, apresentada no vídeo a seguir, articula as imagens capturadas na expedição fluvial com a primeira versão da performance sonora da musicista Elizabeth Rocha

- os ‘gemidos’ inspirados pela pareidolia celeste. A esta base vocal, somaram-se outros instrumentos musicais...” A triagem final dos registros fotográficos e videográficos impôs um desafio não apenas técnico, mas afetivo. A necessidade de seleção obrigou a equipe a um difícil exercício de renúncia, preterindo imagens que, em sua totalidade, apresentavam-se esteticamente potentes e reforçaram a imersão subjetiva vivenciada pelos pesquisadores.

Após a definição do acervo, procedeu-se à catalogação espacial das imagens por meio de georreferenciamento via Google Maps, garantindo o registro locacional das capturas. Durante esse procedimento, ocorreu uma singularidade tecnológica: uma interação não intencional com a interface digital provocou a inversão ótica de uma das fotografias. Um resultado, que a um observador externo poderia parecer uma distorção ou erro de processamento, manifestou-se para o grupo como uma profunda resignificação. O ‘olhar’ do dispositivo tecnológico revelou uma perspectiva inacessível à visão humana direta: a inversão operou uma transmutação simbólica onde o que era, originalmente, o “céu”, converteu-se visualmente em uma representação das profundezas abissais. A tecnologia, não sabemos se por meio do “acaso” ou do “erro”, materializou a conexão entre o firmamento e o fundo do mar.

Ao aplicarmos o georreferenciamento via Google Maps a uma das capturas, deparamo-nos com um fenômeno técnico singular: uma torção imagética. Enquanto o software mantinha o alinhamento cartográfico, a captura visual sofreu uma inversão de eixos. O resultado foi uma transmutação simbólica radical: as águas do mar ocuparam o lugar dos céus, e o firmamento mergulhou nas profundezas oceânicas.

Essa imagem operou uma fusão entre o ‘alto’ (o infinito, as alturas) e o ‘baixo’ (o abissal, o profundo), dissolvendo as fronteiras entre o celestial e o terreno. Talvez essa transmutação visual, fruto do acaso tecnológico, constitua a resposta — ou a conclusão imagética — para a indagação central deste projeto: onde se encontra o fim ou o recomeço da nossa relação com a ‘Casa Comum’, o planeta Terra?

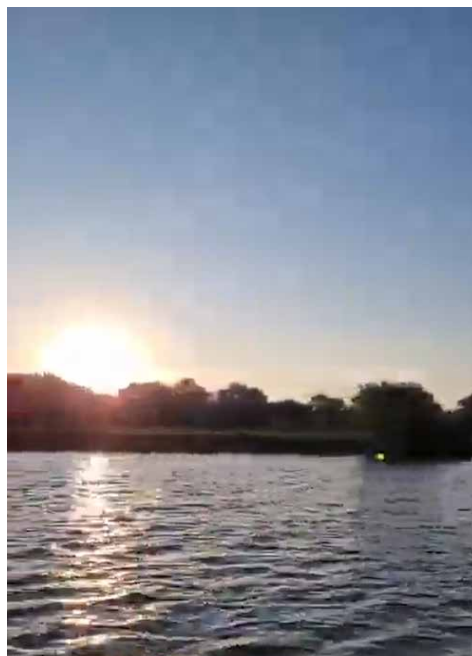


Figura 7 e 8: Capturas de tela de imagens do rio Paraíba do Sul geradas a partir de georreferenciamento. Fonte: Acervo das autoras

As imagens acima confrontam-nos com essa inquietante questão ecológica e existencial. De forma colaborativa, a visibilidade desse registro nos conduziu a um deslocamento de sua busca interior. O silêncio e a ausência, experimentados no início do processo, foram substituídos por ‘faltas’ que, paradoxalmente, evocaram uma plenitude que se remeteram à ancestralidade e à sabedoria dos povos originários, culturas que compreendiam que a vida emana do planeta e que a ele pertence indissociavelmente.

Nossa expectativa de perceber o Rio Paraíba do Sul entre céu e mar, transcendeu ao registro documental e se firmou num exercício fenomenológico da espera, materializado num território-limite, o lócus onde o fluxo histórico e sedimentar do rio Paraíba do Sul cessa seu trajeto terrestre e se entrega à vastidão oceânica.

A expectativa não se refere a um evento futuro, mas sim, à potencialidade do próprio ato de perceber: um convite à suspensão do olhar ordinário em favor de uma episte-

mologia do sensível. O Rio, neste ponto de convergência, manifesta a tensão dialética entre o finito do percurso fluvial e a infinitude do oceano, entre a água doce que carrega a memória do interior e a salinidade que evoca a escala global.

O enquadramento “entre céu e mar” configura o horizonte como uma fronteira tripartida – atmosfera, fluidez e solidez – onde a percepção é convidada a decifrar a dissolução das categorias. O céu, frequentemente refletido na superfície hídrica, sugere a interconexão imediata entre os sistemas atmosféricos (os rios voadores e as mudanças climáticas) e o destino da água. A fotografia vem como consequência, não apenas para documentar a paisagem, mas para capturar o instante em que o território se torna metáfora, revelando que a sobrevivência do rio depende da integridade da borda liminar que o une ao infinito. A imagem é, em si, uma interrogação sobre as fronteiras e a contínua negociação entre os elementos.



Figura 9: Fotografia Imensidão. Fonte: acervo das autoras.

A segunda criação visual e sonora consolidou-se como uma síntese profunda, amalgamando a abstração da primeira experiência à concretude da vivência de campo. A equipe – composta pela antropóloga, pelo filósofo e pela musicista – propôs uma integração estética onde os ‘gemidos’ celestes e a imagética das nuvens dialogassem com a fluidez das águas, evocando o conceito de ‘Rios Voadores’. Essa metáfora conectou o ciclo hidrológico à dimensão espiritual, unindo os céus aos mares. A composição incorporou a ‘Linguagem do Silêncio’, um saber apreendido durante a navegação com o pescador ‘Timoneiro’. Seus conhecimentos tradicionais permitiram o acesso a paisagens ocultas e vegetações intocadas, territórios que a equipe jamais alcançaria sem sua mediação. No espectro sonoro, a obra “GeRmidos” foi enriquecida pela introdução de uma ‘flauta’. O timbre deste instrumento foi escolhido para referenciar a ancestralidade e a cosmovisão dos povos originários. Simboliza a relação

de reciprocidade ontológica onde o ser humano respeita o planeta que, por sua vez, lhe oferece sustento e vida – uma harmonia perdida que o projeto busca resgatar.

A essa nova camada sonora, somaram-se a manutenção das vozes experimentais e a percussividade do ‘trovão’ artesanal, resultando em uma experiência sensorial e energética densa. Todo o material foi depositado no acervo do grupo, preparando-se para a etapa derradeira.

O momento final consistiu na convergência de todos os integrantes do projeto para a edição definitiva. O objetivo era concluir a “Composição Criativa Colaborativa, uma obra polifônica destinada a estrear em palco solene: o “Museu Nacional da Republica”. A apresentação visou, não apenas expor os resultados estéticos, mas compartilhar com o público a magnitude dos afetos e saberes construídos coletivamente.



Figura 10: Captura de tela com imagem da exposição inaugurada no dia 16/09/2025 no Museu Nacional da República em Brasília/DF. Fonte: <https://www.instagram.com/reel/DOyGnerjX2F/?igsh=MWwwcXJiMHFrcHE1YQ==>

A materialização da obra demandou uma articulação multidisciplinar de alta complexidade. Cada equipe, munida de sua expertise técnica — abrangendo desde a edição videográfica e a engenharia sonora até a implementação de mecanismos tecnológicos avançados —, contribuiu para a tessitura desta criação colaborativa denominada **videoPerfoPoro.mp4**⁵

O apogeu desse processo deu-se com a exposição da obra no Museu Nacional da República, sob uma coordenação coletiva (cujos integrantes estão relacionados ao final deste documento), o evento celebrou a magnitude dessa experiência transdisciplinar. O resultado não foi apenas um produto artístico, mas a articulação das sensibilidades e percepções de cada ser humano que integrou o projeto.

A obra apresentada constitui-se como um corpo único, capaz de transmitir a intensidade de nossos afetos e a urgência de nossa luta. A colaboração almeja, por meio desta arte engajada, tocar a consciência do público, fomentando a emergência de novos sujeitos e cidadãos. O objetivo é despertar a sociedade para a gravidade do cenário atual: o momento de morte iminente e risco de colapso que ameaça nossa 'Casa Comum', o planeta Terra.”

A obra **::PORO:: - HoloCi[u]dad[e]** configura-se como uma intervenção artística computacional e interativa de natureza sonoro-visual, que se encontra acessível em meio eletrônico (OPENSOURCE).

Concebida como um espaço aberto e poroso, a obra estimula a experimentação e a interação, promovendo um deslocamento multissensorial que engloba as dimensões imaginárias e concretas dos céus. O projeto trabalha com a composição de elementos como constelações, nuvens, satélites, rios aéreos e estrelas, articulando-os em uma cartografia crítica e poética. Esta abordagem se estabelece como um campo experimental que investiga as mutações climáticas em diversos contextos geográficos e culturais, alinhando-se conceitualmente ao evento **#24. ART 2025 EcoPoiesis: Mutação, Arte e Tecnologia**. O evento postula que a arte e a tecnologia co-evoluem para reconfigurar a relação entre humanos e natureza, sendo a mutação um processo fundamental para a EcoPoiesis. A curadoria da obra é assinada por Lilian Amaral (@amaral_arte), enquanto a Direção de arte, programação e edição coube a Marcos Umpiérrez (@marcosumpierrez_bitmondo). A co-elaboração do projeto contou com a participação de um diversificado grupo de pesquisadores e artistas, incluindo Laurita Salles (@lauritaricardode), Matheus Moreno, @andersonpaiva, Lilian Sagio (@lilisagio),

5 - Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1xpC99nExnMyXl9gdjAP6nR36IEcuE7DZ?usp=drive_link



Figura 11: A obra coletiva completa. Resultados das experiências dos integrantes do Projeto ::PORO::. Fonte: <https://openlab.space/poro/>.

Beth Rocha (@bethrocha12), Emerson M, Ivan David (@ivandavid), Teófilo Augusto e Ivonnevillamil.

A autoria é creditada ao Coletivo HoloCi(u)dad(e), que engloba Lilian Amaral Nunes (Media Lab UFG/BR), Laurita Ricardo de Salles (Media Lab PPGACT / UFG), Marcos Umpierrez (Facultad de Artes/UDELAR), e Teófilo Augusto (Media Lab Unifesspa). O coletivo também incorpora artistas participantes do Open(Co)Lab 2025, provenientes de diversas instituições como Media Lab UFRR, Media Lab PPGACT / UFG, UB/Espanha, UPC/Argentina, UESI/UENF, Labinter/UFRGS, Ubqub/EACH USP e Diversitas/USP.

Os agradecimentos se estendem a @marcosumpierrez_bitmondo, @lynncarone, @suzeteventurelli e @lauritaricardode, bem como aos co-elaboradores do OpenCoLab ::PORO:: 2025 (@medialabunifesspa, @ubuqub.com) e à Tainá, à equipe de mediadores do #24.ART e do #museunacionaldarepublica.

4. CONCLUSÕES

O processo reflexivo desenvolvido tanto no PEA Pescarte quanto no ::PORO:: representaram a consolidação

de nossas pesquisas em práxis artísticas, buscando atuar junto de integrantes das populações tradicionais da pesca artesanal em sua busca contínua de reafirmar a sua soberania territorial e cultural como condição indispensável para o futuro do planeta.

A experiência metodológica, iniciada no Projeto PESCARTE com o objetivo de intervenção sócio-imagética permitiu no ::PORO::, via Open(Co)Lab, promover uma ruptura epistemológica nos processos de devolutiva de pesquisas. O cerne desta conclusão reside na constatação de que o processo de co-criação constitui um exercício coletivo de desapego, ao diluir a autoridade autoral singular, investindo deliberadamente na participação e nos processos vivenciados nos diferentes momentos do acontecimento artístico. Esta renúncia à hierarquia da autoria da criação é um ato político que desestrutura tanto a verticalidade acadêmica quanto a arte erudita, estabelecendo uma esfera de produção e fruição horizontal e democrática.

Neste espaço de horizontalidade, a co-criação se revela como um poderoso campo para a socialização do ser humano. Ela permite o compartilhamento de afetos, vi-

vências e vulnerabilidades, catalisando intensas trocas de intensidades que transcendem a troca meramente intelectual. A obra de arte deixa de ser um produto estático para se tornar um dispositivo de ressonância afetiva, cujo resultado máximo é fruído coletivamente, reforçando a teia de solidariedade. A exposição ::PORO::, nesse sentido, não é um fim, mas a materialização visível de um corpo social rearticulado pelo diálogo e pelas potências e vulnerabilidades (com)partilhadas.

O entrelaçamento com a inserção da tecnologia, por meio da exposição interativa, compartilhada de ferramentas digitais, introduz uma camada de aleatoriedade à experiência estética, tornando randômico as escolhas de percepção da obra artística. Esta fluidez tecnológica mimetiza a própria incerteza das vidas nas margens e potencializa a reflexão sobre o controle.

No entanto, não podemos deixar de assinalar que existe uma relação assimétrica de poder do algoritmo sobre os vídeos e sons gerados. O digital, se não for continuamente tensionado, pode replicar a lógica de dominação e controle do capital que o projeto se propôs a combater. Desta forma, a experiência demonstra que a problematização dessa assimetria pelos participantes é tão vital quanto o ato de co-criar a obra, garantindo que a tecnologia sirva à consciência e não à alienação.

A experiência aponta para a emergência de uma epistemologia da trama. A co-criação e o Projeto ::PORO:: afirmam-se como métodos que forjam um conhecimento indissociável da ação, provando que a arte é uma linguagem crucial para a justiça socioespacial. O legado reside na demonstração de que é possível entrelaçar a pesquisa, a vivência, a arte e a luta, transformando a invisibilidade das populações tradicionais em uma potente e inadiável presença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Título VIII, Capítulo VIII, Art. 231 (Povos Indígenas) e Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (Quilombolas).

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm].

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CEZAR, L. S., & THEIS, R. (2020). **Ser ou não ser pescador artesanal?** Trabalho feminino, reconhecimento e representação social entre marisqueiras da Baía de Campos, RJ. *Revista de Antropologia*, 63(3), e178848. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.178848>

REFERÊNCIAS DA WEB

Blog do Roberto Moraes. Disponível em: <http://www.robertomoraes.com.br/2020/09/o-que-pode-estar-por-tras-das.html>

OPEN(CO)LAB. Open(Co)Lab - Laboratório Nômade. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DOyGnerjX2F/?igsh=MWwwcXJiMHFrcHE1YQ==> . Acesso em: 24 nov 2025.

PROJETO PORO. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DOyGnerjX2F/?igsh=MWwwcXJiMHFrcHE1YQ==> Acesso em: 24 nov 2025.

Portal do Projeto de Educação Ambiental Pescarte. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://pescarte.org.br/>. Acesso em: 24 nov 2025.

PESCARTE. “As Marés do Tempo”. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/pescarte/ypqr/#p=1>. Acesso em: 24 nov 2025.

Projeto Vídeo nas Aldeias. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>